

A NATUREZA DA FILOSOFIA NO SEGUNDO WITTGENSTEIN

THE NATURE OF PHILOSOPHY IN THE SECOND WITTGENSTEIN

LA NATURALEZA DE LA FILOSOFÍA SEGÚN WITTGENSTEIN

Noel Vieira da Silva Neto¹
Fabrício Oliveira da Silva²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a natureza da Filosofia no segundo momento filosófico do filósofo contemporâneo Ludwig Wittgenstein. Utilizando a metodologia de levantamento bibliográfico, a discussão realizada por Wittgenstein acerca desse problema encontra-se na sua obra intitulada *Investigações Filosóficas*, em especial nos parágrafos 109 a 135. Porém, contextualizamos o problema da linguagem, e a discussão perpassa pela sua outra obra, o *Tratado Lógico Filosófico*. Em sua obra, Wittgenstein em nenhum momento estabelece um “conceito” sobre a natureza da Filosofia, pois essa não é a proposta dele; somente apresenta noções do que pode ser a Filosofia, mas essa discussão traz reflexões profundas sobre a questão abordada. Para Wittgenstein, os problemas clássicos da Filosofia ocidental não são problemas filosóficos, mas sim problemas linguísticos, pois utilizam a linguagem de forma equivocada. Porque as palavras não têm significado estabelecido; o significado está no uso ordinário, fazendo desse ponto o pilar central de toda a sua ideia na segunda fase.

Palavras-chave: Jogos de linguagem, uso, Filosofia, Ludwig Wittgenstein.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the nature of Philosophy in the second philosophical period of the contemporary philosopher Ludwig Wittgenstein. Using the methodology of bibliographical survey, the discussion carried out by Wittgenstein about this problem is found in his work entitled *Philosophical Investigations*, especially in paragraphs 109 to 135. However, we contextualize the problem of language and the discussion permeates his other work, the *Logical Philosophical Treatise*. In his work, Wittgenstein at no time establishes a “concept” about the nature of Philosophy, as this is not his proposal; he only presents notions of what Philosophy can be, but this discussion brings deep reflections on the issue addressed. For Wittgenstein, the classic problems of Western Philosophy are not philosophical problems, but rather linguistic problems, as they use language in an erroneous way. Because words have no established meaning, the meaning lies in ordinary usage, thus making this point the central pillar of your entire idea in the second phase.

Keywords Language games, usage, Philosophy, Ludwig Wittgenstein.

RESUMEN

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7962-7222>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2270508490919761>, E-mail: noelvieiradasilvaneto@gmail.com

² Pós-Doutor e Doutor em Educação e Contemporaneidade. Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UEFS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5516-5703>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9101271365317978>. E-mail: fosilva@uefs.br

El objetivo de este trabajo es presentar la naturaleza de la Filosofía, en el segundo momento filosófico del filósofo contemporáneo Ludwig Wittgenstein. Utilizando la metodología de revisión bibliográfica, la discusión realizada por Wittgenstein sobre este problema se encuentra en su obra titulada *Investigaciones filosóficas*, en particular, en los párrafos 109 a 135. Sin embargo, contextualizamos el problema del lenguaje y la discusión permea su otra obra, el *Tratado filosófico lógico*. En su obra, Wittgenstein en ningún momento establece un “concepto” sobre la naturaleza de la Filosofía, pues no es ésta su propuesta, sólo presenta nociones de lo que puede ser la Filosofía, pero esta discusión trae reflexiones profundas sobre el tema abordado. Para Wittgenstein, los problemas clásicos de la filosofía occidental no son problemas filosóficos, sino problemas lingüísticos, ya que utilizan incorrectamente el lenguaje. Como las palabras no tienen un significado establecido, el significado reside en el uso ordinario, lo que convierte a este punto en el pilar central de toda la idea en la segunda fase.

Palabras clave: Juegos de lenguaje, uso, filosofía, Ludwig Wittgenstein.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar, sucintamente, a noção de filosofia para o filósofo contemporâneo Ludwig Josef Johann Wittgenstein (1889-1951). Wittgenstein foi um homem excêntrico, controverso dentro da tradição filosófica; porém, não se pode negar seu impacto na filosofia e o legado deixado na lógica, na matemática, na psicologia e na epistemologia.

Um estudante de engenharia mecânica, que se afastou da engenharia e se interessou por matemática pura e os fundamentos da matemática, achou tão interessante que depois foi estudar lógica, entrando de vez para o mundo da filosofia. Wittgenstein foi influenciado por dois grandes filósofos da sua época, Bertrand Russell e Friedrich Frege. Existe um consenso entre os estudiosos da obra wittgensteiniana que separam sua filosofia em dois ou três momentos, apesar das muitas discussões acerca disso.

No presente estudo, a opção foi por acatar a ideia do que se denomina o primeiro Wittgenstein – com sua obra *Tractatus Logico Philosophicus* (1921)ⁱ – e o segundo Wittgenstein, com a obra *Investigações Filosóficas* (1953)ⁱⁱ. Na primeira fase, temos um filósofo que compreende a linguagem nos termos da estrutura de um cálculo; assim ele realiza uma deslocação fundamental dos problemas filosóficos por parâmetros lógico-lingüísticos.

A teoria lógica-filosófica do *Tractatus*, na visão do autor, foi tão bem-feita, ou seja, o próprio Wittgenstein assume no prefácio da obra que resolveu todos os problemas da filosofia e, portanto, depois de publicar o seu livro, abandonou a filosofia e ficou afastado por oito anos - o seu “recesso filosófico”. Doou toda sua riqueza e foi viver



uma vida simples de jardineiro e outras profissões ao longo desses anos, porém, quando ele começou a trabalhar como professor em uma escola de Ensino fundamental, foi que se apercebeu na experiência de repensar o seu método e, compreendendo as limitações da sua proposta anterior. Notou a necessidade de perceber a linguagem no seu uso cotidiano, na práxis.

Isso o faz retornar à filosofia e rever, portanto, o seu método e a sua maior contribuição nesse sentido ficou organizado na obra, que comumente tornou-se referência da segunda fase do autor, as Investigações Filosóficas. Já no seu segundo modo de filosofar, o filósofo das Investigações rompe com as ideias do seu primeiro modo de fazer filosofia, não compreendendo mais a linguagem como um sistema de cálculo, mas percebendo a linguagem como um jogo, que o significado da palavra está no seu uso.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira abordaremos como a linguagem era questão dentro da filosofia clássica e um breve resumo sobre o surgimento da Filosofia da Linguagem e o seu método. Apresentaremos a natureza da filosofia na perspectiva dos primórdios e será exposta a crítica que Wittgenstein realiza na sua obra, conhecida como visão agostiniana da linguagem. Na segunda apresentaremos a noção de jogos de linguagem de Wittgenstein e como essa noção interfere no paradigma filosófico da época, assim, transformando os problemas da filosofia em problemas de linguagem. E por fim as considerações finais.

A QUESTÃO DA LINGUAGEM NA FILOSOFIA OCIDENTAL – UM BREVE PANORAMA

Desde a antiguidade clássica que a linguagem sempre permeou as reflexões na Filosofia ocidental, por assim dizer. Na história da Filosofia ocidental, temos vários exemplos da linguagem como questão. Na Antiguidade, Platão com o seu diálogo Crátilo, preocupado com a função e o uso do nome; na Idade Média, temos os problemas dos universais com as questões sobre as palavras e as coisas, entre o pensamento e o ser; na Modernidade, temos John Locke afirmando que o objetivo da linguagem é a comunicação entre os homens e o registro dos nossos pensamentos (Lattanzi, 2005). Porém, é na contemporaneidade que, de fato, a linguagem ganha força dentro da Filosofia a partir do século XX. Quando Gottlob Frege (1848 – 1925) publica o seu texto

“Sentido e Referência” como marco para o que se pode hoje denominar como uma área da Filosofia, a Filosofia da linguagem.

O que chama atenção no texto publicado por Frege (1978) é a distinção que se faz entre sentido e referência, uma interpretação onde sentido e referência são independentes entre si; logo, uma expressão pode ter sentido, mas sem ter uma referência, como uma referência pode ser utilizada de diversos modos. Podemos concluir que referência é o objeto designado, já o sentido é o modo de designar o objeto (Nigro, 2007). Ao declarar essa distinção entre sentido e referência, Frege (1978), consagrado por muitos, pode ser considerado o precursor da virada linguística dentro da Filosofia. Assim, "Sentido e Referência" é o “divisor de águas” dentro da Filosofia da Linguagem.

A Filosofia da linguagem muda o paradigma da Filosofia no final do século XIX e início do século XX, pois a linguagem sempre existiu como um problema filosófico, porém surge com o seu próprio método de compreender o mundo. A Filosofia da linguagem se baseia em analisar a linguagem e o processo de significação das palavras. Assim, surge o seu método próprio o qual chamamos de método analítico, que, segundo Marguttiⁱⁱⁱ, corresponde ao procedimento pelo qual se toma uma dada expressão linguística complexa, que podemos chamar de expressão de partida, e se decompõe numa articulação de expressões linguísticas mais simples, que denominamos expressão de chegada (Margutti 2002, p. 126).

No entanto, esse método causa consequências dentro da Filosofia. Em primeiro lugar, os problemas filosóficos são transformados em problemas linguísticos, isso é uma nova maneira de se fazer Filosofia. A partir disso, surge o movimento conhecido como virada linguística, ou seja, a Filosofia não se preocupa mais em perguntas fundamentadas como nos primórdios se costumavam fazer: “o que é o ser?” Ou, como era de costume na modernidade com Descartes, se perguntar “o que é conhecer?”. Através da guinada linguística, a pergunta dos filósofos analíticos não se fundamenta mais na natureza do ser ou do conhecimento, mas sobre a natureza da linguagem através da qual falamos sobre o que é o ser e o conhecimento (Margutti, 2002, p. 126).

Existem duas maneiras de aplicar o método analítico na filosofia. Na primeira, efetua-se o processo de decomposição das expressões de partida com base em técnicas provenientes da lógica formal, baseadas na ideia de que cada expressão de partida possui



uma forma lógica superficial, por meio da análise podemos localizar a forma lógica profunda da expressão de chegada. A expressão de partida pertence à linguagem natural e a de chegada à linguagem lógica. Esse método foi utilizado por vários filósofos analíticos como Frege, Russell, o primeiro Wittgenstein, Carnap, Quine e Davidson (Margutti, 2002, p. 127).

Podemos aplicar esse método analítico de uma segunda maneira, onde podemos decompor a sentença de partida com base nos recursos oferecidos pela própria linguagem natural, sem utilizar a lógica formal. Esse modo de aplicar rejeita a distinção entre a forma lógica superficial e profunda. A base desse processo de análise é caracterizada pela linguagem natural. E os filósofos analíticos que usam esse método são Strawson, o segundo Wittgenstein, Austin, Grice e Searle (Margutti, 2002, p. 127). Essas duas maneiras de aplicar o método analítico na filosofia têm consequências relevantes, pois causam a desconstrução de diversos problemas dentro da filosofia tradicional.

A NATUREZA DA FILOSOFIA NA TRADIÇÃO E O POSICIONAMENTO WITTGENSTEINIANO

É habitual se defender que a filosofia sempre está perguntando sobre o que são as coisas em seu sentido último, como, por exemplo: o que é amor? O que é tristeza? O que é a liberdade?. Tais questionamentos se produzem na tentativa de responder acerca da essência das coisas do mundo. Essa é uma ideia totalmente influenciada por Platão e Aristóteles.

Entretanto, já na contemporaneidade, alguns filósofos não compreendem a natureza da filosofia nessa perspectiva de Platão e Aristóteles. Wittgenstein é um desses pensadores. Conhecido também como o “pai do positivismo lógico” e o “pai da filosofia da linguagem” (Oliveira, 1999). Já na sua segunda fase, no prefácio das "Investigações Filosóficas", Wittgenstein assume que releu a sua primeira obra e percebeu que cometeu alguns erros que ele considerava graves.

Observando que não conseguiu, na sua primeira obra, *Tractatus*, abranger a linguagem na sua práxis, ele nos diz que as *Investigações Filosóficas* para melhor serem compreendidas, têm que ser lidas tendo como pano de fundo o seu antigo modo de



pensar - o Tractatus. Nessa nova forma de pensar, existe um novo entendimento da filosofia, não compreendendo-a como elucidativa, mas descritiva, e faz uma crítica ao seu antigo modo de fazer filosofia, que estava alinhado com a tradição filosófica; ou seja, conseqüentemente, a crítica recai em toda tradição filosófica da época (Ferreira, 2019).

Parte da literatura interpreta que ao citar a obra de Agostinho no início das Investigações Filosóficas, Wittgenstein estava criticando o próprio Agostinho. Entretanto, outras leituras sustentam que tal crítica se dirige, sobretudo, ao próprio Wittgenstein, em relação ao seu modo anterior de pensar, estendendo-se, de modo mais amplo, à tradição filosófica da linguagem (Ferreira, 2019).

Por outro lado, o entendimento de Norman Malcolm, filósofo da área recorda que Wittgenstein venerava as obras de Agostinho e, ao mesmo tempo, informa o porquê de Wittgenstein iniciar as Investigações filosóficas com uma citação de Agostinho:

Disse-me que tinha decidido começar as Investigações filosóficas com uma citação das Confissões, não porque o conceito expresso por S. Agostinho não tivesse sido expresso por outros filósofos, mas porque o fato mesmo de que uma mente assim elevada o tivesse pensado demonstrava a sua importância (Malcolm, 1998, p. 85)

Para Malcolm, Wittgenstein usa a citação como forma de mostrar admiração a Agostinho e a relevância que o autor tem na tradição filosófica, pois ele poderia citar qualquer outro filósofo. Então, existe essa discussão entre os estudiosos de Wittgenstein que defendem o uso da citação de Agostinho como um exemplo e admiração ao autor, e a compreensão de alguns estudiosos de Agostinho como uma crítica ao próprio Agostinho. Porém, nós partimos da interpretação de que Wittgenstein menciona Agostinho como referência e exemplo nas IF.

No início das Investigações Filosóficas, Wittgenstein apresenta uma citação da famosa obra "Confissões" de Agostinho. Trata-se de uma obra autobiográfica, que descreve o modo de como Augustinho aprendeu sua língua na infância. Wittgenstein utiliza isso como ponto de partida para realizar uma crítica ao modo primitivo de compreensão da linguagem ao dizer:

Santo Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras. Quem pensa o aprendizado da linguagem desse modo, pelo menos acredito, pensa primeiramente em substantivos tais como “mesa”, “cadeira”, “pão”, em nomes de pessoas, e apenas em segundo lugar em nomes de certas atividades e qualidades, e nas restantes espécies de palavras como algo que se terminará por encontrar. (Wittgenstein, 1999, p. 28, § 1.)

Ao citar essa passagem das "Confissões", ele realiza uma crítica à ideia essencialista da linguagem, de que as palavras conseguem captar a essência dos objetos. Essa ideia de que as palavras existem para referenciar um objeto é uma forma primitiva da linguagem, limitando-se apenas à função de nomear as coisas. Então, o que Wittgenstein compreende como visão agostiniana da linguagem é como se a palavra substituísse o objeto, como se toda a essência do objeto estivesse contida na palavra. Esse modelo de representação da linguagem não é adequado para Wittgenstein nas I.F, pois pensar a linguagem dentro desse modelo para todas as situações é usar a linguagem de modo muito primitivo, e assim não consegue abranger a linguagem em suas práticas. Explicaremos melhor a seguir qual a intenção de Wittgenstein ao fazer essa crítica.

Segundo Glock (1997, p. 370), dessa passagem Wittgenstein tira algumas ideias principais como: i) cada palavra possui um significado, ii) todas as palavras são nomes, isto é, são os próprios objetos, iii) o significado da palavra é o próprio objeto, iv) a conexão entre palavra (nomes) e seus significados (referentes) se estabelece por uma definição ostensiva, onde determinar uma associação mental entre palavra e objeto e que as sentenças são combinação de nomes.

Caso a linguagem fosse compreendida dessa maneira, ou seja, com caráter essencialista, duas consequências poderiam advir: 1) a única função da linguagem é representar a realidade, onde as palavras referem e as sentenças descrevem e 2) é que a criança somente é capaz de estabelecer associação entre palavra e objeto por meio de pensamento, isso significa que precisa ter uma linguagem privada^{iv}. Além disso, a visão agostiniana da linguagem é compreendida em quatro posições: a) uma concepção referencial do significado das palavras, b) uma concepção descritiva das sentenças, c) a ideia de que definição ostensiva que fundamenta a linguagem e d) a ideia que uma linguagem do pensamento subtrai a nossa linguagem pública (Glock, 1997, p. 371).

Existe um consenso dentro dos estudiosos wittgensteinianos que a tradição filosófica está alinhada a essa noção, criticado por Wittgenstein na visão agostiniana da

linguagem, onde a palavra tem somente a função de nomear objetos. No entanto, o primeiro Wittgenstein se encaixa dentro dessa visão agostiniana da linguagem em sua obra *Tractatus*, apresentado as palavras do autor onde ele sustenta essa ideia.

Por esta lógica reflexiva, fica evidente que Wittgenstein do *Tractatus* compreende a linguagem da forma da visão agostiniana da linguagem, portanto, podemos pressupor que Wittgenstein das I.F está realizando uma crítica para o seu primeiro modo de filosofar. Esse modo de fazer filosofia do *Tractatus* está alinhado à tradição filosófica, por isso, a compreensão que a crítica da concepção agostiniana da linguagem também recai a tradição filosófica como diz Ferreira:

Há na tradição filosófica um recorrente entrelaçamento entre ontologia, epistemologia e filosofia da linguagem, ou se preferir, entre mundo, pensamento e linguagem. A “visão de mundo” que foi constituída pela tradição filosófica foi extraída desse entrelaçamento, que também é a principal característica do *Tractatus*. A sua crítica é literalmente direcionada a esses fundamentos; portanto, esse entrelaçamento é o alvo da sua crítica, na medida em que representa um ideal e não a realidade da linguagem. (2019, p.56).

Desta forma, Wittgenstein realiza uma crítica a essa ideia da tradição, pois ao usar a linguagem em uma representação primitiva como modo de explicar toda a realidade, causa problemas de ambiguidades no significado das palavras, ou seja, limita-se a linguagem somente com a finalidade de nomear objetos.

Conseqüentemente, essa crítica leva Wittgenstein a concluir que as funções das diferentes palavras na linguagem são similares às funções das diferentes ferramentas numa caixa, e que o modelo referencial apresentado por Agostinho é inadequado para explicar o significado das palavras (Margutti, 2002, p. 134).

Segundo Donat (2022, p. 18), de acordo com estes pressupostos da visão essencialista da linguagem, as palavras são compreendidas enquanto nomes de objetos e devem revelar a essência desse objeto, de forma exata e definitiva. Essa é a crítica de Wittgenstein, pois para ele o significado não pode ser exato e definitivo, o significado da palavra deve ser observado dentro do jogo de linguagem, onde foi estabelecido uma regra pública para aquela significação.

Portanto, Wittgenstein busca revelar com sua crítica é que a visão agostiniana da linguagem estabelece uma ideia de um funcionamento da linguagem muito primitiva, da nossa na linguagem ordinária. Isso é herança de uma concepção platonista de significação, onde estabelece entidades não materiais para desempenhar o papel de significados (Glock, 1997, p. 372).

Partindo desta problemática, é importante evidenciar, como forma de entender a Filosofia na perspectiva de Wittgenstein, a compreensão do autor sobre o que ele denomina de jogos de linguagem. Pode-se afirmar que os jogos de linguagem são conjunto de linguagem e das atividades com as quais estão interligados (I.F, § 8). Portanto, existem inúmeros jogos de linguagem diferentes, com regras diferentes, mas todos são jogos é possível jogar com base no seu contexto social.

De forma mais precisa, essa noção revela-se complexa de explicar, uma vez que o autor não apresenta um conceito fechado ou descritivo (o que seria um contrassenso que ele apresentasse, uma vez que o mesmo procura não definir nada), ele nos dá noções sobre o que são esses jogos de linguagem, no entanto podemos salientar que os jogos de linguagem é o “falar da linguagem”, ou seja, é como as pessoas falam no seu dia a dia, isso é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (I.F, § 23). Essa é a concepção de que a linguagem não é simplesmente palavras fora de contexto, a linguagem são formas de vida^v.

Quando pensamos em jogos de linguagem, pensamos em diferentes formas de vida que esses jogos estão relacionados, por isso que existem diferentes jogos e dentro deles as palavras podem ter diferentes significados. Assim, quando falamos em representar uma linguagem existe um peso dentro disso, pois significa representar-se uma forma de vida, com suas singularidades, cultura, costume e assim por diante (I.F, § 17).

A noção de jogos de linguagem orienta a compreensão de que a comunicação verbal está intrinsecamente ligada a atividades e modos de vida específicos. Nesse sentido, a utilização de uma língua em interações humanas está sujeita a regras e normativas próprias, delineando o comportamento linguístico. Além disso, essa abordagem transcende a mera aplicação de normas linguísticas ao sugerir que os jogos de linguagem se entrelaçam com atividades não linguísticas, cuja interpretação é essencial dentro do contexto em que ocorrem (Glock, 1997. p. 229).

Conseqüentemente, os jogos de linguagem na perspectiva de Wittgenstein são atividade, forma de vida e um modo de viver que está interligado com sua peculiaridade do contexto em que as pessoas vivem. Uma linguagem em ação, viva (Ferraro, 2021). Convém lembrar que por se tratar de “jogos” não existe uma regra fixa para colocar em todos, assim o próprio Wittgenstein dá o exemplo dos jogos normais ou esportivos, de forma que ele nos apresenta assim, o futebol é um jogo como xadrez também é, no entanto eles não possuem regras idênticas, porém os dois equivale como um jogo. Desse modo, são os jogos de linguagem, são diversos, pois eles estão relacionados a formas de vida que se representam através da linguagem.

Wittgenstein argumenta que não tem uma regra comum para todos esses jogos, mas podemos perceber semelhanças entre eles, no qual ele chama de “semelhanças de família”. Para facilitar a compreensão, Wittgenstein recorre à analogia entre jogos e família, evidenciando que uma família é composta por, mãe, pai, irmão, tios e assim por diante, porém, ninguém da família é igual, mas eles têm certas semelhanças no modo de agir, falar, conviver, então da mesma forma são os jogos de linguagem, eles são diversos, diferentes, singulares e tem algumas coisas em comum, portanto, por isso os jogos formam uma família (I.F, § 67).

Ademais, os jogos de linguagem são autônomos entre si, por isso não necessita de vários jogos de linguagem juntos, na verdade, é o contrário, cada jogo tem sua autonomia e suas regras e caso interligado esses jogos diferentes causarão uma confusão nos usos das palavras e, portanto, significação muito distintas, muitas vezes, entre palavras. Falar é uma atividade guiadas por regras, a gramática está, de certo modo, nas regras da linguagem, mas, segundo Ferraro (2021), não é sobre a gramática que Wittgenstein está chamando a nossa atenção, mas sim que: “Para Wittgenstein, todo o signo, isolado, é um elemento morto, a ideia de observar a linguagem em movimento é crucial para a compreensão da proposição dos jogos de linguagem. (Ferraro, 2021, p. 60).

Não podemos observar as palavras isoladas dentro dos jogos de linguagem, pois sozinhas elas não dizem nada. Wittgenstein tem objetivo de esclarecer a significação das palavras e o significado enquanto uso na linguagem, ou seja, no contexto empregado naquele jogo de linguagem. O que Wittgenstein quer nos dizer que, caso a linguagem tenha fundamentos, esses não são oferecidos por átomos metafísicos, mas por padrões cabíveis de uma atividade comunitária (Ferraro, 2021).

Dado tal contexto, podemos concluir que as regras são o núcleo forte de qualquer jogo de linguagem, mas não são homogêneas, pois cada jogo vai se criar conforme o contexto inserido e como as pessoas vivem diante daquele jogo, logo jamais vão seguir o mesmo estatuto (Melo, 1991). Para compreendermos essa noção de regras na filosofia wittgensteiniana, Glock (1997) vai nos dizer que Wittgenstein não deixou de forma analítica o que são as regras, pois acreditava que o “conceito” é determinado por semelhança de família.

Portanto, Wittgenstein, na nossa leitura, realiza uma crítica ao modo como são estruturados os problemas da filosofia, que, segundo ele, causam confusão mental pela forma que são expostos, pois eles colocam as palavras no âmbito metafísico, porém o verdadeiro emprego dessas palavras é para a linguagem ordinária (I.F, § 116). Para exemplificar, Wittgenstein utiliza de um problema clássico colocado por Agostinho, a saber: “o que é o tempo?”. Wittgenstein vai dizer que todos sabem o que é o tempo no seu cotidiano, o tempo pode ser as horas que você vai fazer algo, pode se entender tempo como período no caso de plantio rural: agora é o tempo de plantar milho, mandioca, assim por diante.

Logo percebemos que sabemos o que significa o tempo no dia a dia, porém quando um filósofo vem nos questionar o que é o tempo, ficamos sem resposta, sem compreender o que o filósofo quer com essa pergunta, porque, para Wittgenstein, existe um erro na universalização do conceito, ou seja, querer dar uma única significação, que na maioria dos casos, metafísicas para a significação do cotidiano. Para Wittgenstein, quando fazem, os filósofos, esse tipo de pergunta, pode se conjecturar diversos entendimentos: será que se quer saber as horas ou época do plantio? Esse tipo de pergunta, desconexa do seu uso cotidiano, causa uma confusão no pensamento, e na maioria das vezes, fracassam ao tentar responder.

A NATUREZA DA FILOSOFIA NA PERSPECTIVA WITTGENSTEINIANA

A natureza da filosofia foi discutida nesse trabalho com o objetivo de se gerar entendimento da ideia de Wittgenstein a partir da crítica que ele faz a visão agostiniana da linguagem, que recai no seu primeiro modo de filosofar e conseqüentemente na tradição filosófica da época. Ter discernimento sobre os jogos de linguagem que é a



base da filosofia wittgensteiniana, possibilita entender a percepção do que seja filosofia para o filósofo I.F.

Wittgenstein sempre se preocupou com os problemas da filosofia. Na sua primeira obra *Tractatus* o objetivo central dela foi responder os problemas da filosofia. Ele mesmo disse no prefácio do seu livro: “Esse livro trata sobre os problemas filosóficos, e mostra – creio eu – que a formulação desse problema repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem” (Wittgenstein, 2001, p. 131). No entanto, a ideia do autor, apesar de parecer familiar, é um pensamento do seu primeiro modo de pensar, logo temos que analisar cuidadosamente, pois existe diferença entre Wittgenstein do *Tractatus* para Wittgenstein das *Investigações* mas é perceptível que o autor parte do mesmo pressuposto que são os problemas filosóficos.

Observamos que, no seu primeiro modo de pensar, o primeiro Wittgenstein nos apresenta uma noção do que seja a filosofia, dizendo que toda filosofia é crítica da linguagem (TLF, § 4.0031). Para conseguirmos entender o que ele quer nos dizer precisamos analisar, ainda que de modo superficial, alguns aspectos da história da filosofia ocidental.

Desde o surgimento da filosofia lá na Grécia antiga, a filosofia sempre foi uma base para o surgimento das ciências, conseqüentemente, por estar muitas vezes intrínseca uma na outra, ficou um imagético que é semelhante à ciência, ou seja, acreditava que como a ciência, a filosofia sempre foi e é uma disciplina que produz conhecimento e corrobora com a revolução da ciência, mas você pode pensar de que forma a filosofia realiza isso? Através da criação de conceitos descrevendo a realidade de forma empírica (Chalmers, 1993).

Portanto, desde o filósofo clássico Aristóteles até a contemporaneidade com Deleuze essa ideia que a filosofia é criadora de conceito se sustenta, ainda que de concepções e modos distintos entre os diversos autores. Diante disso, para diversas correntes filosóficas, a filosofia é compreendida como próxima de uma ciência, e ao longo da história da filosofia ocidental muitos filósofos buscaram justificar seu estatuto científico (Reale; Antiseri, 2004). Então, no século XX, podemos considerar como esplendor da época do avanço científico, ou seja, é a idade da ciência, e da ciência como sinônimo de paradigma para o espírito do século (Gaston, 1920, p. 11). Assim, os filósofos procuram se alocar nesse mesmo espírito, para corroborar a filosofia também com certo avanço aos moldes da ciência da época.

Conseqüentemente, lá no *Tractatus* Wittgenstein já estava delimitando a



filosofia, indo contra o espírito científico da época, que fique claro que não estou afirmando que o filósofo do *Tractatus* é contra o avanço da ciência ou contra a própria ciência, mas quero afirmar que para Wittgenstein desde do *Tractatus* até as *Investigações Filosóficas* algo sempre teve em comum na sua obra, filosofia não é ciência! Logo o papel dela não é de ser semelhante à ciência, portanto, no seu primeiro modo de pensar ele já disse: “a filosofia não é uma das ciências da natureza, a palavra filosofia deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado das ciências da natureza” (TLF, § 4.111).

A princípio, delimitar a filosofia dizendo que é crítica da linguagem, é dizer que o papel dela não é científico. Diante do que já foi posto em discussão, o filósofo do *Tractatus* segue descrevendo a natureza da filosofia no *TLF* dizendo;

O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica não são “proposições filosóficas”, mas é tornar proposições claras. Cumpre à filosofia tornar claro e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos. (Wittgenstein, 2001, § 4.112)

À primeira vista, é notório que a noção de filosofia perpassa uma ideia ligada a lógica, sempre com o papel de clarificar os pensamentos, realmente, no seu primeiro modo de filosofar o Wittgenstein tem essa compreensão da natureza da filosofia interligada com a estrutura lógica da linguagem. Porém a intenção aqui é deixar evidente que desde do seu primeiro modo de fazer filosofia, Wittgenstein discutiu a natureza da filosofia e a delimitou nesse primeiro momento bem diferente de alguns filósofo da sua época, como Russel e Frege que estavam mais preocupados com outros problemas da linguagem (Wittgenstein, 2001, p. 131)

Como já foi sinalizado neste trabalho nas *Investigações Filosóficas* o Wittgenstein muda a sua forma de pensar, abandona algumas ideias do seu modo antigo de fazer filosofia, porém para entendermos as mudanças temos que usar como pano de fundo o seu antigo modo de pensar, porque ele discute os mesmos problemas que angustiava no primeiro, todavia, com uma forma de pensar bem diferente, uma outra metodologia, mas não podemos dizer que são obras completamente diferentes no modo de conceber a natureza da filosofia e a sua crítica. Diante disso, ele traz a natureza da filosofia novamente, mas apresentando noções mais claras do que ele acredita que seja filosofia, assim abordarei a filosofia no seu segundo modo de pensar

no próximo tópico.

Á medida que interpretemos o segundo modo de fazer filosofia do filósofo das Investições Filosóficas, algumas mudanças são visíveis nesse novo modo de filosofar. Exemplo disso é que a linguagem não é compreendida somente de forma lógica. Ela está ligada ao uso com a noção de jogos de linguagem e outras noções básicas da sua nova abordagem. Tomando como base a ideia que a filosofia não é semelhante à ciência como no *Tractatus*, nas Investições não é diferente esse pensamento, pois quando Wittgenstein nos apresenta a noção de filosofia na segunda fase, logo ele salienta que: “não deve haver nada de hipotético nas nossas considerações” (I.F, §109), ou seja, sempre na procura de não assemelhar a filosofia ao método científico. Portanto, a filosofia não se estrutura em acúmulos de novas experiências, pois a base dela é nas coisas que já temos o conhecimento, fazemos combinações sobre o que conhecemos, assim como se fosse uma luta entre o entendimento e a nossa linguagem como diz o autor das Investições Filosóficas: Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. (...) A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem. (I.F, §109).

Em tal perspectiva, fica evidente uma característica fora do comum quando pensamos em filosofia baseado na tradição filosófica, porque na percepção de Wittgenstein a filosofia não é conceitual, mas sim descritiva, ou seja, a filosofia nos mostra as coisas que já existe no mundo como está. Então, aquele paradigma de uma filosofia que estabelece conceitos em cima de conceitos que tem como base a visão agostiniana da linguagem, se perde na visão wittgensteiniana, pois a filosofia somente vai nos descrever os fatos e as coisas do mundo, como elas são e não criar novas ideias sobre isso (I.F, §124).

Ao defender essa nova visão para a natureza da filosofia, conseqüentemente, o filósofo das I.F está rejeitando um paradigma filosófico alinhado a tradição da época, porque a filosofia a muito tempo se consolidou estabelecendo conceitos sobre as coisas. Como diz o filósofo Deleuze na sua perspectiva vai nos dizer da natureza filosofia assim: “ a filosofia não é mais uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente forma, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11). Tal perspectiva analítica sugere que Wittgenstein não interpreta dessa forma, ele delimita a natureza da filosofia dizendo;

A filosofia simplesmente coloca as coisas, não elucida nada e não conclui nada. — Como tudo fica em aberto, não há nada a elucidar. Pois o que está oculto não nos interessa. Pode-se chamar também de filosofia o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções. (Wittgenstein, 1999, §126)

Dessa forma, a filosofia wittgensteiniana não está preocupada em fazer descobertas filosóficas, criar paradigmas dentro da filosofia, muito menos revelar o que está oculto, esse não é o papel da filosofia, pois a filosofia deixa tudo como está. (I.F, §123)

Segundo o autor das Investigações, como a natureza da filosofia não é elucidativa, isso recai sobre os problemas da filosofia, tanto que isso pode significar que os problemas filosóficos devem desaparecer. Uma vez que não é tarefa da filosofia resolver a contradição por meio de uma descoberta lógica ou lógica-matemática (I.F, §125). Ela somente nos mostra as coisas como são, descreve o mundo, ao ponto do Wittgenstein nos dizer que se quisesse expor teses em filosofia, nunca se chegaria a uma discussão sobre elas, porque todas estariam de acordo (I.F, §128). Portanto, esse pensamento dentro da tradição de um filósofo refutar o outro com sua teoria elucidativa sobre o mundo e objeto, não convém para a filosofia wittgensteiniana, porque como a filosofia nos mostra as coisas como são, logo elas sempre vão estar de acordo uma com a outra.

Em razão, dessa noção em desacordo a tradição filosófica, pode surgir a dúvida de qual será o papel do filósofo diante da filosofia wittgensteiniana, já que não vamos ter essas teorias conceituais na filosofia de Wittgenstein. “Pode-se afirmar que o trabalho do filósofo é um acumular recordações para uma finalidade determinada” (I.F, §127). Em outras palavras, podemos dizer que a finalidade de fato é o filósofo analisar os diversos jogos de linguagem e compreender a significação das palavras desses jogos e cautelar para não existir equívocos no uso das palavras, uma vez que cabe aos filósofos analisar os jogos de linguagem para compreender o erro da má interpretação da linguagem, pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra de férias (I.F, § 38).

Pois o filósofo das I.F nos diz que os resultados da filosofia consistem nas descobertas de um simples absurdo qualquer e nas confusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem (I.F,§119). Diante disso, a filosofia wittgensteiniana está preocupada com o uso da linguagem, pois quando



Wittgenstein fala de linguagem ele fala somente da linguagem do cotidiano, não sobre palavras com emprego metafísico como é de costume no âmbito filosófico, porque a filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo (I.F,§124).

Diante dessa nova percepção da natureza da filosofia que não está alinhada com a tradição filosófica, é perspectivo que houve um deslocamento da característica central da filosofia, pois no Wittgenstein a filosofia se baseia em descrever o mundo, ou seja, ela não descobre coisas novas, porém ela está antes das descobertas. Então a ideia clássica de procurar a essencial das coisas através dos conceitos como: o que é amor, justiça, ódio, vontade, mundo é dissolvida na filosofia do Wittgenstein, assim resignificando essas “perguntas filosóficas” na perspectiva wittgensteiniana elas ficam assim: o que significa mundo nesse contexto? O que compreendemos como amor nesse jogo de linguagem? E assim vamos descrevendo as coisas do mundo através da filosofia (I.F, §92).

Uma vez que, até o objetivo do filósofo nessa perspectiva muda-se, passa a ter a função de compreender os jogos de linguagem que são diversos, singulares e autônomos entre si. Como é deslocado esse paradigma conceitual dentro da filosofia wittgensteiniana, os problemas da tradição filosófica são interpretar de uma forma distinta, ou seja, a compreensão é que eles são como doenças, então a filosofia tem um caráter terapêutico e vai analisar os problemas filosófico dessa forma:

Para Wittgenstein, o objetivo da filosofia consiste numa terapia. Ou seja, deveríamos tratar um problema filosófico como uma doença, trazendo para o uso cotidiano as palavras que foram empregadas equivocadamente, e mostrar à mosca a saída do vidro (Lattanzio, 2018).

Portanto, a filosofia consiste numa forma terapêutica da linguagem pela linguagem, pois a linguagem é algo único, não podemos compreender a significação da palavra pela espécie dela e pensar que a palavra leva consigo aquele significado e ele permanece em qualquer contexto, esse erro se dá por não termos uma visão panorâmica do uso das palavras. (I.F, §122)

Embora a filosofia tenha uma perspectiva descritiva onde somente nos coloca as coisas onde estão, ela vem antes de qualquer descoberta. A filosofia está interligada com a linguagem é o seu papel na forma de vida das pessoas no seu cotidiano, assim



o Wittgenstein acredita que não há um método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias (I.F, §134). À medida que a filosofia wittgensteiniana é o esclarecimento da linguagem pela linguagem, como uma terapia linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho visou mostrar que Wittgenstein a crítica à ideia de uma linguagem essencialista, limitadora, em que palavras apenas denominam objetos ou apenas o nomeiam, o que ele chamou de visão agostiniana da linguagem consiste no pano de fundo que permite uma compreensão maior da sua nova proposta metodológica.

Também pretendemos ter demonstrado que, na perspectiva wittgensteiniana, por meio do método analítico da linguagem, que as palavras precisam ser realocadas do âmbito metafísico dentro da filosofia para o seu modo natural, ou seja, na linguagem ordinária. Desse modo, para Wittgenstein, os problemas clássicos da filosofia são dissolvidos e transformados em problemas linguísticos.

Dentre as noções basais, jogos de linguagem representa a noção principal dentro da filosofia do segundo Wittgenstein, na qual se constrói toda a sua filosofia pós-Tractatus. Assim, por meio dos jogos de linguagem, Wittgenstein afasta-se da ideia da tradição filosófica e consegue sustentar teoricamente a sua proposta que se confronta com a tradição filosófica. Portanto, podemos dizer que o grande legado da filosofia wittgensteiniana consiste na compreensão da linguagem como jogo e interpretando o significado das palavras no seu uso, no contexto social que as pessoas vivem, no cotidiano, por assim dizer. Esperamos ter conseguido expor, ainda que de modo superficial, essa perspectiva da sua obra.

Por fim, em consequência dessa abordagem, a natureza da filosofia, na segunda fase de Wittgenstein, não poderá ser elucidativa, pois, para ele, a filosofia não estabelece conceitos, mas de outro modo, a filosofia pode ser apenas descritiva, ou seja, apenas mostrar o mundo como é, antes de qualquer descoberta. E, desse modo, seguindo essa compreensão, ou seja, de que os problemas filosóficos clássicos são apenas problemas de uma má compreensão da nossa linguagem, o papel da filosofia seria a de esclarecer a linguagem pela linguagem. Para Wittgenstein, portanto, a filosofia tem a tarefa de uma



terapia da linguagem pela própria linguagem, ou seja, nas palavras de Wittgenstein, mostrar a mosca a saída do vidro.

REFERÊNCIAS

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência, afinal?** Tradução de Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. 34 eds., São Paulo, 2010.

DONAT, Mirian. Expressividade e representação nos jogos de linguagem das sensações. Guairacá **Revista de Filosofia**, Guarapuava-PR, v. 38, n. 1, p. 16-27, 2022.

FERRARO, José Luís. Wittgenstein e os jogos de linguagem. **Revista Educação Pública**. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/30/wittgenstein-e-os-jogos-de-linguagem>. Acesso em 16 de abril 2024.

FERREIRA, Anderson de Assunção. **A relação entre linguagem e ontologia: a crítica de Wittgenstein à concepção agostiniana da linguagem**. Recife. p.71. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: ALCOFORADO, Paulo (org. e trad.). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.

GLOCK, Hans Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LATTANZI, Vanessa. **O argumento da linguagem privada nas investigações filosóficas do Wittgenstein**. Londrina, p.49. Monografia (Licenciatura em Filosofia). Universidade Estadual de Londrina. 2005.

LATTANZI, Vanessa. Wittgenstein sobre o método da filosofia: esclarecimento da linguagem pela linguagem. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 18, n. 32, p. 203-218, 26 set. 2018.

MARGUTTI, P. O método analítico em filosofia. In: BRITO, E.; CHANG, L. (Org.). **Filosofia e método**. São Paulo: Loyola, 2002. p.125-155.

MALCOLM, Norman. **Ludwig Wittgenstein**. Milão: Bompiani, 1998.

NIGRO, Rachel. **Desconstrução Linguagem Política**. Rio de Janeiro, p.272 Tese (Doutorando em Filosofia). Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-RIO, 2007.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do humanismo a Descartes**. v. 3. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo; Editora Nova Cultura, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus-Logico-Philosophicus**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Submetido em: 19/01/2026

Aceito em: 05/03/2026

ⁱ Ao longo deste trabalho utilizaremos a abreviação Tractatus para referências à obra.

ⁱⁱ Ao longo deste trabalho utilizaremos a sigla IF para referência à obra.

ⁱⁱⁱ Paulo Margutti, “O método Analítico em Filosofia”.

^{iv} Essa noção é complexa e não é o objetivo deste trabalho aprofundar nessa questão, mas de uma maneira simples podemos entender segundo Wittgenstein que a linguagem privada é que as palavras dessa linguagem devem referir-se àquilo que apenas o falante pode saber; às suas sensações imediatas, privadas. Um outro, pois, não pode compreender esta linguagem, I.F § 243.

^v Segundo Glock Formas de vida - (Lebensform) Spranger escreveu uma obra intitulada Lebensform; o termo se refere aí, no entanto, a tipos individuais de personalidade. O uso que Wittgenstein faz do termo enfatiza, em contraposição, o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem. É possível que ele tenha ido buscar a ideia em Spengler (Decline of the West I 55), mas o fato é que ela já conta com uma longa tradição na filosofia alemã (Hamann, Herder, Hegel, von Humboldt).